

## Saúde da Mulher Trabalhadora: uma forja sem vigilância

EDITORIAL\*

*"O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém, desviamos-nos dele. A cobiça envenenou a alma dos homens, levantou no mundo as muralhas do ódio e tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e os morticínios. Criamos a época da produção veloz, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz em grande escala, tem provocado a escassez. Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que máquinas, precisamos de humanidade; mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura! Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo estará perdido."* (Charles Chaplin, em discurso proferido no final do filme *O grande ditador*.)

Estamos no mês em que muito se fala e comemora a representação social da mulher. Daqui saudamos toda a militância em defesa dos direitos das mulheres. Contudo ficam as perguntas: o que a mulher quer? O que o mundo, principalmente o do trabalho, quer da mulher? As dificuldades estão postas sobre a mesa - violência sexual, violência doméstica, assédio de todos os tipos, discriminações diversas (estéticas, raciais, culturais etc.), dificuldades de ascensão profissional e ainda diferença salarial -. Sim, quanto maior for a escolaridade das mulheres inseridas no mercado de trabalho, segundo dados do IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística], é maior a diferença salarial em comparação aos homens. É o retrato fiel da desigualdade, construída historicamente, herança de uma sociedade patriarcal, machista, excludente. E a carga de trabalho e as responsabilidades da mulher são maiores a cada dia. A jornada não é dupla, é tripla! Há de se conciliar o papel de profissional, mãe, esposa/companheira. O chefe espera uma profissional competente e assertiva, os filhos querem da mãe dedicação exclusiva, o marido/companheiro uma mulher atraente e atenciosa. Na família ela é vista como a responsável por administrar toda a atividade da casa, fazer compras, cuidar das roupas, higiene, alimentação, educar os filhos, desdobra-se... Haja fôlego! Isso é trabalho no melhor sentido marxista. O desgaste físico e emocional é imperioso. Que vigilância se faz nesse mundo do trabalho doméstico, onde a mulher é muitas vezes explorada, ameaçada, violentada? Equipes de vigilância em saúde do trabalhador olham a mulher somente nos ambientes tradicionais de trabalho, sob a ótica da vigilância de gênero.

Nesta edição

**Boletim dedicado à  
mulher trabalhadora**

Editorial – Saúde da mulher trabalhadora – uma forja...	1
Entrevista – Maria Helena Barros de Oliveira	2-4
Artigo do mês – Jasmin Melcher Echeverria	5-6
Perfil Sindical – Aida Gonçalves Vianna da Silva	7
Tributo – Diana Antonaz	8
Trabalhadores Anônimos – Mulher Trabalhadora	9-10
Informes	11

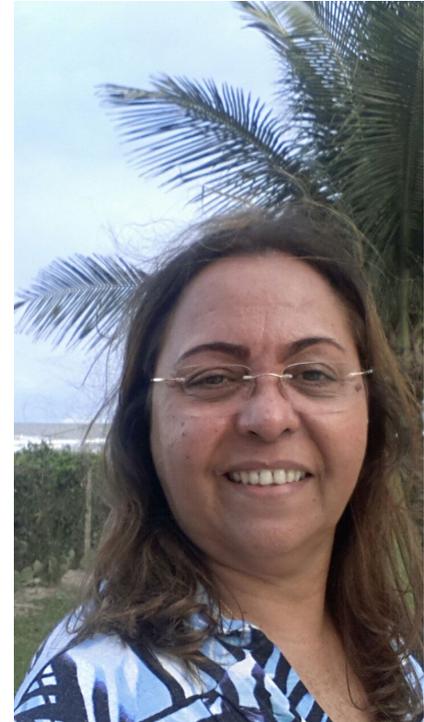
Seria essa a estratégia correta para a diminuição dos acidentes, mortes e adoecimento no trabalho? Ou uma hipocrisia de interesses corporativos ou sexistas? Isso não defende a mulher! Se o ambiente de trabalho e seus processos não são saudáveis para todos, jamais será saudável para a mulher. Simone de Beauvoir disse “*Não se nasce mulher, torna-se mulher*”. Existe uma cultura que forja o papel social da mulher direcionado para um destino biológico e reprodutivo exclusivo. Entre numa loja de brinquedos, observe o setor das meninas: bonecas, panelas, carrinhos de bebê e afins. Compare com o setor dos meninos. Infelizmente notamos que até mesmo a política de saúde pública para as mulheres tem seu maior enfoque no seu papel reprodutivo, que é um despropósito ao observarmos o conceito ampliado de saúde e suas inúmeras interfaces. A mulher ainda é vista, fundamentalmente, como responsável pela reprodução humana. Em contrapartida o mundo do trabalho rejeita veladamente mulheres com filhos pequenos (por medo de faltas por adoecimento deles), ironiza seu *stress* como crise de TPM (tensão pré-menstrual), deprecia a gravidez e muitas vezes exige um padrão de beleza. A mulher forjada não reconhece seu papel no mundo. Debate-se entre o que quer e o que esperam dela no trabalho, na família, na comunidade. A mulher quer apenas o que ela dá ao mundo: reconhecimento por sua tripla jornada; pelo esforço de enxugar cada pinga de suor ou de lágrima; segurança para seus corpos; respeito no trabalho; diminuição da desigualdade; paridade de direitos; viver e trabalhar com saúde. Neste mês, nosso boletim é dedicado às mulheres, todas são trabalhadoras. Solidárias/solidárias com a luta pelo feminino. Vigilantes.

■ ■ ■

## A fala da Saúde do Trabalhador

# *Maria Helena Barros de Oliveira*

Maria Helena trouxe da Paraíba o vigor extraordinário que o processo de inclusão da saúde do trabalhador no processo constituinte exigia. Naqueles primeiros anos da Nova República, a sua tenacidade nordestina foi imprescindível para reforçar a luta dos que acreditavam que a saúde no trabalho era um problema de saúde pública. Guerreira indomável, Maria Helena, mesmo hoje se dedicando mais ao campo das relações direito-saúde, tem o sangue da saúde do trabalhador nas veias. E é sangue muito rubro. Maria Helena atualmente é diretora do Departamento de Direitos Humanos, Saúde e Diversidade Cultural (DIHS), da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, na Fundação Oswaldo Cruz. Entre as linhas de pesquisa e ação do DIHS, insere-se a saúde do trabalhador, colocando a questão do trabalho no centro do debate dos direitos humanos. É com o apoio de Maria Helena e sua equipe que se desenvolvem no DIHS as atividades do Fórum Intersindical e do Curso de Formação de Sindicalistas. Nesta entrevista, Maria Helena nos conta um pouco de sua rica história...



**FIS - Maria Helena, quando você sentiu que tinha nas veias o sangue da saúde do trabalhador?**

Maria Helena - A minha história com a Saúde do Trabalhador é uma história de amor. Como toda história verdadeira de amor não acaba... se transforma em novos amores novos momentos, novas buscas e novos encontros. Esse amor remonta à década de 1980, quando eu ainda trabalhava no Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira de João Pessoa, na Paraíba. Na verdade, ao trabalhar com a doença mental, fiquei bastante intrigada porque a questão do trabalho não aparecia nas histórias dos ditos pacientes. Comecei então a buscar o significado do trabalho, através de conversas com eles, e fui descobrindo que se tratavam de pessoas, em sua absoluta maioria, advindas da área rural, que, naquela época, eram expulsas de suas terras pela invasão da monocultura da cana de açúcar. A questão do trabalho ainda apresentava um outro aspecto, que era a chamada terapia ocupacional, prática que era tida como a indicada para o tratamento dos pacientes. Não era possível reduzir o trabalho das pessoas internadas, reproduzindo uma compreensão limitada de terapia ocupacional. Foi aí que resolvi desenvolver de fato a retomada do que, para eles, era trabalho e não somente ocupação. Desenvolvemos o cultivo de hortas e, também, salão de beleza masculina e feminina, inclusive para valorizar sua imagem aos olhos do mundo.

Minha formação política dentro do Partido Comunista me ajudou muito nesta compreensão, como também a militância política que eu possuía por trabalhar junto às Ligas Camponesas. Destaco, nessa época, a parceria do companheiro Mourad Ibrahim Belaciano, então Diretor da Fundação de Saúde do Estado da Paraíba, viabilizando a construção desse espaço de trabalho dentro do hospital.

**FIS - Destaque alguns momentos de sua trajetória na saúde do trabalhador que você considera relevantes.**

Maria Helena - O primeiro momento, que é muito relevante nessa trajetória de amor com a área da Saúde do Trabalhador, foi quando participamos de uma pesquisa com os trabalhadores rurais plantadores da cana de açúcar e do abacaxi no município de Sapé, junto à Universidade Federal da Paraíba-UFPB, através do Grupo de Estudos de Saúde e Trabalho na Área Rural da Paraíba - GESTAR. Tive o prazer de compartilhar essa fase riquíssima com grandes colegas que se tornaram amigos de vida como o Vicente de Paula Faleiros, Ana Rita Pederneiras, Gláucia Ieno, Ivan Targino, Emília de Rodat Fernandes Moreira, Tereza Mitsunaga, Ivo Brito e tantos outros. Esse trabalho de pesquisa possibilitou nos engajarmos no movimento da Reforma Sanitária, que estava se desenvolvendo em todo o Brasil, através das Conferências Estaduais de Saúde. Tive o prazer de coordenar a 1ª Conferência

Estadual de Saúde do Estado da Paraíba, que fazia parte do processo da Reforma Sanitária, e que culminou, em março de 1986, na 8ª Conferência Nacional de Saúde, a conferência que mudou os rumos da saúde no Brasil. Em 1985 saí de João Pessoa, acompanhada da luz da minha vida, meu único e eterno sentido da vida Giulliano de Oliveira Suassuna, meu filho, que me acompanha em minha luta onde quer que esteja ... e passei a morar no Rio de Janeiro. Destaco nessa fase um segundo momento muito importante e relevante, ao participar de todo o processo de debates e reflexões sobre a Saúde do Trabalhador no Brasil, através da 1ª Conferência Nacional de Saúde do Trabalhador. Esse foi um processo muito rico em que tivemos a possibilidade de criar um ambiente propício à discussão dos problemas de saúde do trabalhador de forma organizada através dos sindicatos, representados pelas CUT [Central Única dos Trabalhadores]; CGT [Central Geral dos Trabalhadores]; CONTAG [Confederação dos Trabalhadores na Agricultura]; e pelos sindicatos que se auto definiam independentes, por não estarem filiados a nenhuma central. Foi muito forte toda a discussão da saúde levada pela Reforma Sanitária, em especial por um amplo grupo de técnicos e sindicalistas que atuavam na saúde do trabalhador. Destaco alguns nomes, embora seja impossível falar de todos, porque estavam distribuídos pelo Brasil. Cito por exemplo, a Anamaria Testa Tambellini, Luiz Augusto Cassanha Galvão, Jorge Huet Machado, Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos, Elizabeth Dias, Lia Giraldo, Raquel Rigotto, Carlos Aparício Clemente, Francisco Drumond, Antonio José Rebouças... e que os tantos outros distribuídos pelo Brasil sintam-se lembrados. Os momentos que antecederam a Assembleia Nacional Constituinte possibilitaram que criássemos um projeto para a área da Saúde do Trabalhador, que culminou, pela primeira vez na história da saúde no Brasil, com a elevação dessa questão ao patamar constitucional. Com muita luta, com perdas e avanços conseguimos que a Constituição Federal/88 colocasse como uma das competências do Sistema Único de Saúde, em seu artigo 200, Inciso II “executar as ações de vigilância sanitária e epidemiológica, bem como as de saúde do trabalhador”. Fechávamos assim mais um ciclo e seguiríamos construindo a área em todo o Brasil. Podemos identificar esse tempo como um terceiro momento em que predomina a tentativa da consolidação da área - anos 90 -, onde se travou também uma grande luta que se expressou na Lei 8080/90, que estabeleceu maiores detalhes para a atuação do SUS no que diz respeito à saúde do trabalhador.

*A minha história com a Saúde do Trabalhador é uma história de amor. Como toda história verdadeira de amor não acaba... se transforma em novos amores novos momentos, novas buscas e novos encontros.*

Os movimentos dos trabalhadores e técnicos nos estados eram fortes e organizados. Nessa década tivemos um grande trabalho junto aos Poderes Legislativos Estaduais, com a aprovação de várias leis, como no caso do Estado do Rio de Janeiro, com a proibição do jateamento de areia (Lei Estadual/RJ nº 1979/92) e com a substituição progressiva do asbesto (Lei Estadual/RJ nº 3579/2001), entre outras. A história da proibição do jateamento de areia no estado do Rio de Janeiro é literalmente de fato uma história de amor e sangue. Para se conseguir chegar ao momento último da publicação da lei, muitas coisas aconteceram antes disso. Entre várias lutas implementadas pelo Sindicato dos Metalúrgicos de Niterói, para provar que o jateamento de areia nos cascos dos navios provocava uma pneumoconiose chamada silicose, os metalúrgicos trocaram a doação de sangue para o Hospital Antônio Pedro, por exames diagnósticos dos trabalhadores que se encontravam doentes. Esses foram momentos fundamentais e essenciais em minha história pessoal. Foi no ano de 1992, que encontrei o grande amor de minha vida, o então Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos Amaury Rinaldi Paciello, que fortaleceu de forma definitiva e radical o meu amor pela saúde do trabalhador, seguindo até hoje, passados 25 anos, como meu companheiro de lutas e de vida. Em 1996 defendo a tese de doutorado “Política Nacional de Saúde dos Trabalhadores no Brasil (1980-1993): uma Análise a partir do Direito e da Legislação Específica”, na ENSP/Fiocruz, em que faço uma reflexão sobre a política nacional de saúde do trabalhador, traduzindo a legislação que existia para a área, como expressão da política. Além da consolidação da área, através da legislação, tínhamos também uma construção e implementação da política nacional de saúde do trabalhador, a nível do Ministério da Saúde (MS), e em várias Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde. É nesse momento que surge a Área Técnica de Saúde do Trabalhador no MS, coordenada por René Mendes. Pela primeira vez temos um documento que expressa a Política Nacional de Saúde dos Trabalhadores - PNST.

Maria Helena Barros de Oliveira

Seguem os desdobramentos dessa política com a implementação da Renast [Rede Nacional de Atenção Integral à Saúde dos Trabalhadores], instituída pela Portaria MS 1679, em setembro de 2002. A Renast foi a ferramenta estratégica para a disseminação das práticas em saúde do trabalhador no SUS, através dos Centros de Referência em Saúde do Trabalhador. Posso dizer que 2003 demarca um outro tempo nessa minha história de amor com a saúde do trabalhador. Nesse ano fui eleita para coordenar o Centro de Estudos de Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana – CESTE/ENSP, juntamente com três grandes companheiras e amigas: Maria Cristina Guilam, Vanda D’Acri e Márcia Agostini, trazendo o forte compromisso de uma gestão em que a questão da mulher tivesse especial destaque. Foram dois anos de muita mobilização, trabalho árduo e também de conquistas. A política de gestão que adotamos para o CESTE foi a do seu fortalecimento, com muita voz e escuta de todos os trabalhadores, servidores, terceirizados e bolsistas, que se expressou numa forma democrática de gerir o departamento. Nesse período do mandato (2003 a 2005) concluímos e inauguramos o novo prédio do CESTE, que tem o significativo nome de 1º de Maio, em homenagem a nós trabalhadores. Homenageamos alguns trabalhadores, dando nome a salas de aula do departamento e é preciso registrar, também, o dia da inauguração do prédio, que teve um café da manhã para convidados especiais: os trabalhadores que construíram o prédio. Alusão e homenagem aos trabalhadores que edificam as cidades e depois sequer podem entrar nos prédios que eles construíram. Os quadros que ornamentam os corredores do prédio são fotos de diversos trabalhadores no processo de construção do prédio, registrados pelos colegas Jorge Sandins e Mariza Almeida. O curso de Especialização à Distância de Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana, produto de um trabalho coletivo que envolveu vários profissionais da área como Drummond, Beth Dias, Jorge Machado, Cristina Guilam, Fadel, Lili, entre outros, foi um dos grandes projetos realizados, possibilitando a formação de muitos técnicos em todo o país.

**FIS - Que papel a academia/universidade deve ter no campo da ST?**

Maria Helena - O papel de se colocar como mais uma possibilidade de conhecimento a serviço de uma condição digna de vida e trabalho. O compromisso que a academia deve ter de escolher, juntamente com os trabalhadores organizados, questões para aprofundar análises, visando complementar as possibilidades de resolver problemas que afetam diretamente a saúde dos trabalhadores. Não tem sentido o saber científico produzido que não sirva para mudar para melhor a vida dos trabalhadores.

**FIS - Em que momento você observou que a relação direito e saúde tem a ver com a saúde do trabalhador?**

Maria Helena - Desde os primeiros momentos que comecei a lidar com a questão da saúde do trabalhador fomos aos poucos identificando o quanto era fundamental essa relação e que, na verdade, toda a concepção da área se sustentava na legislação. Compreensão essa que nos levou a escolher como tema da tese de doutorado fazer essa tradução da legislação que se tinha para a política que se praticava. Essa observação foi tão forte que nos direcionou a fazer a graduação em Ciências Jurídicas, concomitantemente com o doutorado, num esforço plenamente compensado com a conclusão de ambos em 1996. Essa trajetória nos levou a um outro tempo e uma outra construção coletiva que hoje é meu desafio, amor e prazer – Direitos Humanos e Saúde - DIHS, que tem seu nascedouro na saúde do trabalhador. Isso é conversa para um outro papo, pois essa construção demarca, neste momento, 20 anos de movimento.

**FIS - Como você vê o Fórum Intersindical e o Curso de Formação Intersindical Saúde-Trabalho-Direito?**

Maria Helena – São espaços muito importantes no processo de conquista de cidadania na área da ST.

O acesso à informação, a possibilidade de trocas entre os representantes dos trabalhadores, recoloca a possibilidade de um construção crítica, ao mesmo tempo solidária, pois que se identifica nesse espaço a franca efetivação da fraternidade. Acredito que o curso ao discutir saúde-trabalho-direito está explicitando uma relação intimamente imbricada em redes de ideias, por vezes conscientes, outras vezes completamente camufladas em ideologias que nos roubam a capacidade de enxergar os pontos de intersecção que ligam esse três conceitos fundamentais, depurados e decantados no viver cotidiano.

**FIS - Sua opinião sobre a ST no Brasil, desde sua inserção na CF/88 até hoje.**

Maria Helena – É um campo de lutas, vitórias, decepções e reconstruções. É um campo em que o confronto capital e trabalho se dá diretamente e que, estrategicamente, não se supera se os trabalhadores organizados, através de sindicatos, associações, centrais, confederações e qualquer outra forma representativa de trabalhadores, não estiverem à frente escrevendo sua história. É uma luta cruel no Brasil, em que os donos do processo produtivo não têm o menor olhar humano para o trabalhador, sendo este pura e simples mercadoria que se paga e se estragar compra-se outra. Na concepção dominante do capital, não chega nem a ser uma mercadoria de valor, como algumas são, que merecem cuidados e segurança. A mercadoria homem-trabalhador para o capital é vista a partir de um olhar desumano, mercantilista e descartável. Acho que avançamos muito pouco na área da ST e que, a despeito da CF/88 ter elevado ao patamar constitucional essa área, confirma-se que uma lei ela por si só nada faz, a não ser que ela seja apropriada pela cidadania e faça-se vida, que poderá transformar vidas. ■ ■ ■

## 8 de março: conquistas e desafios na luta diária das mulheres

artigo do mês

*Jasmin Melcher Echeverria\**

O Dia Internacional da Mulher é uma data que nos faz lembrar todo o esforço e luta diária de várias mulheres em prol de direitos e garantias iguais em relação aos homens. O dia 8 de março foi escolhido como símbolo dessa luta, principalmente operária, consagrando reivindicações por melhores condições de trabalho e de vida.

A desigualdade de direitos entre homens e mulheres é reproduzida em várias áreas da vida. E no trabalho não seria diferente. Segundo Kergoat (2009), existe uma divisão sexual do trabalho em diversas sociedades, que separa o que seria trabalho feminino e masculino, onde o trabalho masculino teria maior valor social que o feminino. Essa divisão pode ocorrer devido a legitimação de uma dominação masculina, que acaba dividindo homens e mulheres em grupos hierárquicos, oferecendo privilégios e vantagens aos homens à custa das mulheres; o que é desvantagem para o feminino, é vantagem para o masculino. É uma construção social que visa a manter um paradigma da diferença e da dominação masculina, atribuindo papéis distintos para homens e mulheres.

Com o passar do tempo, principalmente durante a segunda metade do século XX, houve uma maior inclusão das mulheres no mercado formal e informal de trabalho. É evidente que o sistema capitalista existente muito auxiliou nessa entrada das mulheres no mercado, pois sempre teve o desejo de absorver força de trabalho, não importava se era homem, mulher ou criança. Com a globalização, onde se tem a reorganização internacional do capital, que traz a flexibilização do trabalho e a precarização do emprego, com novas formas de contratação e desregulamentação, que surgiram principalmente durante a década de 1970, a vulnerabilidade e exploração do trabalho feminino aumentaram, onde muitas ocupações de trabalhadores homens melhor remunerados e dificilmente demitíveis foram sendo substituídos pelo trabalho feminino mal pago.

Atualmente vemos mulheres com salários inferiores em relação aos homens, realizando muitas vezes as mesmas funções, sem falar na dupla jornada de trabalho, que sobrecarrega no papel da mulher o trabalho doméstico e o profissional. Esses fatores podem causar o adoecimento dessa mulher trabalhadora, que em muitas famílias é a sua renda que mantém o sustento.

Entretanto, as mulheres não ficaram caladas ao longo desse processo. As lutas feministas são um exemplo disso. Elas têm um papel fundamental na tentativa de mudança da situação da mulher na sociedade brasileira.

*continua*

8 de março: conquistas e desafios na luta diária das mulheres - *Jasmin Melcher Echeverria*

Várias organizações e movimentos feministas eclodiram pelo mundo no século XX, e no Brasil não foi diferente. A luta por igualdade de direitos e maior visibilidade da condição feminina colocou também em discussão a questão do trabalho. Em algumas fábricas, operárias começaram a realizar greves e manifestações para reivindicar melhores condições de trabalho, como a redução da jornada. Por conta das lutas que movimentos feministas realizaram para alcançar suas metas, os debates sobre os direitos da mulher aumentaram gradativamente durante esse século. Várias ações e políticas públicas em torno do gênero feminino começaram a ser redefinidas em torno dos temas nos quais a mulher encontra-se presente. Essas questões começam a ser colocadas já na própria Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948, que estimula e promove o respeito aos direitos humanos, sem distinção de classe, raça, etnia, religião, sexo ou língua.

Referência Bibliográfica:

KERGOAT, Danièle. As Relações Sociais de Sexo. In: Divisão Sexual do Trabalho e Relações Sociais de Sexo (trad. Miriam Nobre). In: Hirata, H.; Laborie, F.; Le Doaré, H. & Senotier, D. (orgs). Dicionário Crítico do Feminismo. São Paulo: Ed. UNESP, 2009 (p. 67-75).

*...a vulnerabilidade e exploração do trabalho feminino aumentaram, onde muitas ocupações de trabalhadores homens melhor remunerados e dificilmente demitíveis foram sendo substituídos pelo trabalho feminino mal pago.*

A situação das mulheres é ainda um cenário tempestuoso, repleto de lutas e desafios diante de uma dominação masculina ainda presente, refletindo inclusive no mundo do trabalho. Entretanto, grandes vitórias já foram conquistadas nesse processo, com mulheres guerreiras que se sacrificaram e não abaixaram a cabeça diante do sistema vigente. É um caminho árduo, mas preciso. E o dia 8 de março sempre vem para lembrarmos que esses sacrifícios não foram em vão. Precisamos sempre avançar em prol do respeito e igualdade de direitos. Que sigamos em frente! ■ ■ ■

*\*Jasmin Melcher Echeverria é socióloga e mestre em saúde pública pela ENSP/Fiocruz. Sua dissertação de mestrado “Relações entre mulheres trabalhadoras e violência doméstica: percepções de mulheres atendidas em um Centro de Atendimento à Mulher” está disponível em: <http://pesquisa.bvsalud.org/bvsvs/resource/pt/bvs-3349>*

NOTA dos EDITORES

A produção acadêmica de textos, ditos científicos, não é acessível ao cidadão ‘comum’. Os milhares e milhares de textos produzidos e armazenados em revistas científicas, todos os anos, são lidos apenas entre os pares, ou seja, entre os mesmos que os escrevem. Ficam armazenados nas estantes de uma ‘ciência’ hermética, discriminatória e descolada da sociedade de que, para ser conhecida do público, tem que ser traduzida nos jornais, revistas ‘leigas’, boletins, televisão, blogs, vídeos da internet, no boca-a-boca. No caso da saúde do trabalhador, essa situação é mais grave, pois o que se escreve sobre o tema deveria ter como alvo principal de divulgação, ora pois, os trabalhadores! Não é o que ocorre. Revistas ‘científicas’ que tratam da saúde do trabalhador não são “para o bico” dos trabalhadores comuns. E, cada vez mais, são cada vez menos “para o bico” dos próprios pesquisadores da saúde do trabalhador. São muitos os obstáculos para que nós, acadêmicos, professores, militantes, profissionais da saúde do trabalhador consigamos publicar em revistas ‘científicas’. Os julgadores dos textos são rigorosos, cujo rigor, guardado pelo anonimato, é de credibilidade duvidosa. Querem mudar conteúdo, questionar opiniões, mudar o método, mexer na alma do que está escrito. Além disso, revistas ‘científicas’ cada vez mais cobram para publicar, exigem tradução para o inglês, levam meses e até anos para dar respostas se aceitam ou não o artigo que parece ser tido como uma ameaça para uma estética científica de caráter dúbio e que não está preocupada em massificar e democratizar o conhecimento produzido. É com este espírito de resistência que a seção de artigos do Boletim do Fórum Intersindical pretende ser um espaço aberto e democrático de reflexão e difusão de conhecimentos. Mande seu texto. Participe! ■ ■ ■

# Aida Gonçalves Vianna da Silva

## "É preciso cuidar de quem cuida"



SASERJ  
Sindicato dos Assistentes Sociais  
do Estado do Rio de Janeiro

### PERFIL SINDICAL

Aida, embora tenha chegado recentemente, mostra a desenvoltura de uma das categorias profissionais que mais sobressaem na presença e na combatividade dos debates realizados no Fórum Intersindical: a/o assistente social. Muitos estranham que a categoria dos médicos se faça tão ausente dos debates que tratam da defesa do SUS e da saúde do trabalhador. A hegemonia médica no campo da saúde, infelizmente, confunde-se à hegemonia do poder econômico nas relações Estado-Sociedade. Ainda bem que outras categorias profissionais que atuam na saúde pública, como é o caso das/dos assistentes sociais, entre tantas outras, empunham mais frequentemente a bandeira da saúde e, não, a da medicina curativa e lucrativa. Vamos ouvir a Aida, por suas próprias palavras...

*Nasci em 15 de abril de 1964, ano em que houve o golpe militar. Durante toda a minha infância, morei em bairros do subúrbio carioca com a minha família, que é de origem humilde. Meu primeiro contato sindical foi por meio do Sindicato dos Comerciários do Estado do Rio Janeiro, no qual participei como filiada no período de 15 anos. Isso por conta de ter trabalhado por 17 anos na empresa C&A. Aos 40 anos, optei por retornar aos estudos. Assim, iniciei a graduação de Serviço Social. Após a conclusão do curso, trabalhei no Instituto Consuelo Pinheiro. Em seguida, no Centro Especializado de Atendimento à Criança. Seu perfil se concentra no atendimento de crianças e adolescentes com deficiência intelectual. Por isso, minha práxis é, essencialmente, na Política de Assistência "Proteção Básica". Em 2013, participei da IX Conferência Nacional de Assistência Social, na qualidade de Delegado, de 16 a 19 de dezembro, em Brasília, que tinha como tema: "A Gestão e o Financiamento na efetivação do SUAS." O SUAS é o Sistema Único de Assistência Social. Cheguei à luta sindical em janeiro de 2015, me filiando e participando das atividades do sindicato. No ano seguinte, integrei a chapa da diretoria que foi eleita para a gestão 2016\2019. No caso específico dos Assistentes Sociais, percebo que a luta mais emblemática na defesa da saúde do trabalhador é combater problemas psíquicos e emocionais, que podem aparecer em virtude das questões multifacetadas das demandas sociais com que convivemos. Eu quero dizer que eu e muitos companheiros de profissão necessitamos de cuidados. É a famosa frase: "É preciso cuidar de quem cuida". Conheci o Fórum através do convite realizado pelo Fadel, por ocasião da participação na audiência pública da Câmara dos Vereadores, em 2016, momento em que o SASERJ, representado pela diretoria, debateu as condições de trabalho dos assistentes sociais da Prefeitura do Rio de Janeiro. Eu e a diretora Conceição Luz iniciamos no Fórum, em setembro de 2016, momento em que encontramos a filiada Daphne Braga como participante. Houve desdobramento com a criação do GT - Grupo de Trabalho de Saúde do Trabalhador no Sindicato dos Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro. Vale ressaltar a disponibilidade dos membros da coordenação em nos auxiliar quando este GT se reúne convidando os Assistentes Sociais para a participação. Também participo do GT de Assédio Moral. Considero que o Fórum é o ambiente de interação em que os sindicatos, a Academia e os trabalhadores, de forma geral, realizam reflexões referentes à saúde do trabalhador.*

*É o momento de compartilharmos informações. ■ ■ ■*

[entrevista concedida à Coordenação]



# Diana Antonaz

Texto adaptado do depoimento de José Sérgio Leite Lopes sobre Diana Antonaz  
<https://nuatebt.wordpress.com/homenagem-a-diana-antonaz/homenagem-a-diana-antonaz/>

Num momento de desesperança para alguns e renovação de esperanças para outros, face à crise de valores éticos e políticos que deixam a desumanidade das relações sociais à mostra, é sempre bom lembrar das pessoas de luta. É o caso de Diana Antonaz. A Edna do Fórum Intersindical, representante do setor de telecomunicações, demandou ao Boletim, nessa boa hora, um tributo à Diana Antonaz, que alguns dos mais veteranos do Fórum tiveram o privilégio de conhecer e trabalhar junto. Utilizamos um texto de seu amigo e professor José Sérgio Leite Lopes para ilustrar um pouquinho do que foi essa brava mulher, morta em 2012, em plena luta pela dignidade no trabalho.



Foto: JSL/L

Diana Antonaz foi mestre e doutora em Antropologia Social. Era professora da Universidade Federal do Pará, embora tenha vivido muitos anos no Rio de Janeiro. Co-autora do livro “*A Ambientalização dos Conflitos Sociais; Participação e Controle Público da Poluição Industrial?*”, antes de ser antropóloga foi engenheira com especialização em segurança do trabalho. Fundou, com Ricardo Garcia Duarte e outros companheiros, a sucursal do DIESAT/RJ [Departamento Intersindical de Estudos e Pesquisas de Saúde e dos Ambientes de Trabalho], onde atuou como assessora. Sua dissertação de mestrado “*Na Escola dos Grandes Projetos; a formação do trabalhador industrial na Amazônia*” (1995) versou sobre a construção e a operação da fábrica de alumínio ALBRÁS, em Barcarena, Pará. Diana possuía os atributos para penetrar no mundo fechado das fábricas e nele exercer seu olhar sagaz e profundamente crítico em defesa da saúde dos trabalhadores, em sua amplitude social.

No doutorado, Diana estudou o processo de transformação a que foram submetidas as telefonistas da TELERJ no período imediatamente anterior à sua privatização. Na tese “*A Dor e o Sentido da Vida; um estudo de caso: a nova doença das telefonistas do Rio de Janeiro (1980/1990)*”, em 2001, ela estudou a epidemia de LER (lesões por esforços repetitivos) que acometeu as telefonistas durante o período em que a pressão da hierarquia da empresa se avolumou drasticamente para preparar a privatização e as mudanças tecnológicas e organizacionais que estavam em curso. Baseada em seu trabalho de assessora do sindicato dos telefônicos na área de saúde do trabalhador, sua pesquisa foi um combustível teórico e político para a árdua luta das telefonistas.

Estudou e acompanhou a luta da leucopenia dos operários da Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda. Atingidos pelo benzenismo, provocado pelo processo industrial na coqueria da siderúrgica, os trabalhadores viveram anos de horror para comprovar sua doença junto à empresa e à Previdência Social, do final da década de 1980 aos primeiros anos da década de 1990.

Participou de várias pesquisas que trazem à tona a relação estreita entre saúde do trabalhador e saúde ambiental, demonstrando que os conflitos sociais se estendem da fábrica para fora ou de fora para dentro. E que suas razões se assentam no modelo econômico, na hegemonia do capital sobre o trabalho e num Estado invariavelmente a serviço do capital contra a vida e o ambiente.

Diana Antonaz foi militante ativa do Conselho Estadual de Saúde do Trabalhador do Rio de Janeiro e contribuiu não só para a sua implementação como com as suas câmaras técnicas, onde se fazia o planejamento para as ações de vigilância em saúde do trabalhador nos primeiros anos da década de 1990. Evoé Diana Antonaz! ■ ■ ■

Conheça a história da Saúde do Trabalhador no Brasil

Leia nossos Boletins do Fórum Intersindical

<http://www.multiplicadoresdevisat.com/boletins-de-0-ate-11nova-pagina>

## Trabalhadores Anônimos

## Dando Visibilidade às Identidades Sociais

# Mulher Trabalhadora: o anonimato injusto ao longo da história

A violência é a face mais visível da injustiça contra a mulher. O anonimato é a face invisível e não menos cruel e injusta com a mulher trabalhadora. Se o trabalho é o eixo que constrói o mundo, a mulher é o eixo que constrói o mundo. Desconstruir o papel da mulher no mundo é desconstruir a história do mundo e o próprio mundo. Se, no Brasil, a cada dois minutos cinco mulheres são espancadas, a cada 11 minutos uma mulher é estuprada e a cada 90 minutos uma mulher é assassinada pela sua condição de ser mulher, no mundo a situação não é diferente. A saga da mulher trabalhadora, porque a mulher é duplamente trabalhadora desde que o mundo é mundo, é a saga da exploração, da violência, da crueldade e ... do anonimato. Oprimidas pelo patriarcado e pelo machismo expressos na religião, na ideologia e na política, os Estados e as diversas formas de governo, ao longo da história, e até hoje, têm na opressão da mulher sua face tenebrosa que indica que a civilização e a civilidade apenas engatinham na história do mundo. O mundo melhor que sonhamos dará seus primeiros passos quando mulheres e homens tomarem as rédeas de sua condução em condições de igualdade. Neste número do Boletim, o Fórum Intersindical se curva à mulher, em reverência, com a crença de que só com sua libertação do jugo da opressão, o mundo será o mundo que queremos. Na expressão artística de algumas mulheres que retratamos a seguir, fica a mensagem de que o mundo pode ser melhor com a sua emancipação.

Trecho de Poesia Desabafo, de Clarice Lispector, poeta ucraniano-brasileira, nascida em 1920 e morta em 1977.

.....  
*Sou sempre eu mesma,  
 mas com certeza não serei a mesma para SEMPRE!*

*Gosto dos venenos mais lentos, das bebidas mais amargas,  
 das drogas mais poderosas, das idéias mais insanas, dos  
 pensamentos mais complexos, dos sentimentos mais fortes.*

*Tenho um apetite voraz e os delírios mais loucos.*

*Você pode até me empurrar de um penhasco que eu vou dizer:*

*- E daí? EU ADORO VOAR!*



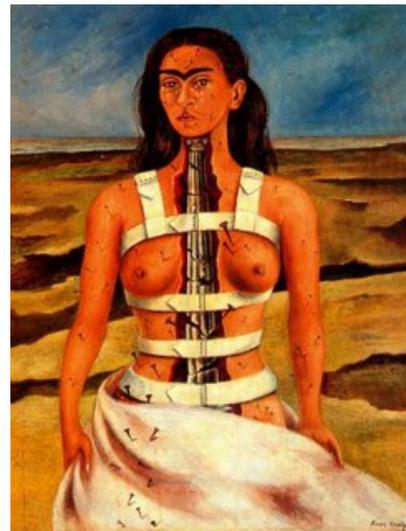
### Noite dos Cristais - 1941



Salomon - JHM 4762 - Kristallnacht.jpg/220px-Charlotte\_Salomon -

Charlotte Salomon foi uma artista alemã, judia, nascida em 1917 e morta em 1943, aos 26 anos, grávida de 5 meses, no campo de concentração de Auschwitz.

### A Coluna Partida - 1944



Frida Kahlo  
 pintora  
 mexicana  
 (1907-1954)

[http://3.bp.blogspot.com/\\_pafZksfNFA/SKvy-e3UnU/AAAAAAAAAQ/bTPdChGYprc/s400/frida\\_kahlo\\_03.jpg](http://3.bp.blogspot.com/_pafZksfNFA/SKvy-e3UnU/AAAAAAAAAQ/bTPdChGYprc/s400/frida_kahlo_03.jpg)

Trecho de um poema de Benedita de Melo, poeta pernambucana, cega de nascença e professora. Nasceu em 1906 e morreu em 1991.

### VERGONHA

- *“Menina!” Disse alguém, no grande instante  
 em que era dividido em dois um ser...  
 E essa palavra, pelo mundo avante,  
 foi meu santo orgulho de viver...  
 Ser menina. Ser moça. Ser constante.  
 Ser caráter. Ser honra. Ser dever.  
 Por mais tropeços que encontrasse adiante  
 nunca me entristeci de ser mulher.*



*Trabalhadores Anônimos*

Alfonsina Storni, poeta argentina, nascida em 1892 e morta em 1938. Tradução livre de um de seus poemas do livro *Mundo de siete pozos*, de 1934.

*Palavras degoladas,  
caídas de meus lábios sem nascer;  
estranguladas virgens sem sol possível;  
grávidas de desejos, inchadas...  
Deformadoras da minha boca no impulso de falar  
mas cair no poço vazio...  
Que tornam amargo o mel do céu de minha boca,  
apertadas entre as suas palavras coroadas de flores.  
Sangradas pelas suas palavras,  
não nascidas, meialuas, peixes sem escamas,  
pássaros sem asas, serpentes sem destino...  
Meu coração, não perdoe!*

■ ■ ■

Djanira (da Motta e Silva), nascida em Avaré, São Paulo, em 1914, e morta em 1979, foi uma entre tantas artistas plásticas múltiplas que dignificam a arte feminina brasileira.

*Oficina de Trabalho - 1962*

<https://peregrinacultural.files.wordpress.com/2014/03/djanira-da-motta-e-silva-1914-1979oficina-de-trabalho-ost-73-x-114-cid-e-d-1962.jpg?w=510&h=316>

■ ■ ■

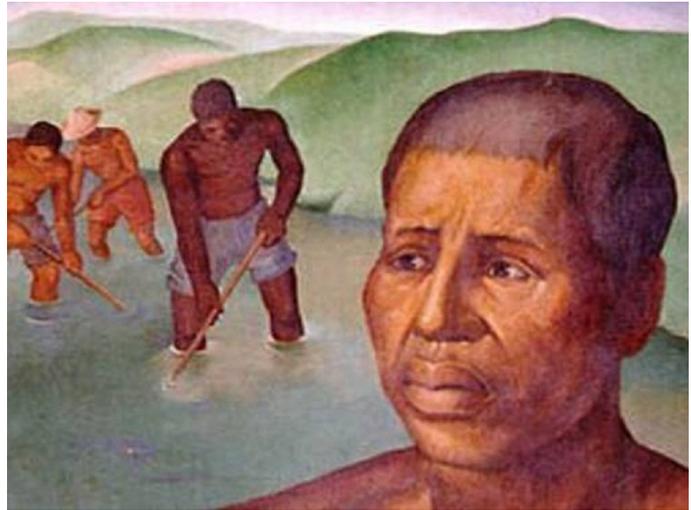
Florbela Espanca, poeta portuguesa, nascida em 1894 e morta em 1930.

**VERSOS DE ORGULHO**

*O mundo quer-me mal porque ninguém  
Tem asas como eu tenho! Porque Deus  
Me fez nascer princesa entre plebeus  
Numa torre de orgulho e de desdém.*

*Porque o meu Reino fica para além...  
Porque trago no olhar os vastos céus  
E os oiros e clarões são todos meus!  
Porque eu sou Eu e porque Eu sou Alguém!*

■ ■ ■

*Dando Visibilidade às Identidades Sociais***Garimpeiros - 1938**

[http://o.bviusmag.org/pintores-brasileiros/tarsila-do-amaral/archives/upbads/2014/06/Fase\\_Social\\_Nome\\_Garimpeiros-de-Tarsila-do-Amaral\\_1938-thumb-800x599-49402.jpg](http://o.bviusmag.org/pintores-brasileiros/tarsila-do-amaral/archives/upbads/2014/06/Fase_Social_Nome_Garimpeiros-de-Tarsila-do-Amaral_1938-thumb-800x599-49402.jpg)

Tarsila do Amaral, pintora, desenhista e tradutora, nascida em Capivari, São Paulo, em 1886 e morta em 1973, foi uma das pioneiras do movimento modernista no Brasil e do movimento antropofágico nas artes plásticas brasileiras.

■ ■ ■

Cora Coralina, poeta goiana, nascida em 1889 e morta em 1985. Seu primeiro livro foi publicado quando tinha 75 anos de idade.

**Mascarados**

*Saiu o Semeador a semear  
Semeou o dia todo  
e a noite o apanhou ainda  
com as mãos cheias de sementes.  
Ele semeava tranqüilo  
sem pensar na colheita  
porque muito tinha colhido  
do que outros semearam.  
Jovem, seja você esse semeador  
Semeia com otimismo  
Semeia com idealismo  
as sementes vivas  
da Paz e da Justiça.*

■ ■ ■

**Jovem Mãe - 1937**

Yolanda Mohalyi, pintora húngaro-brasileira, nascida em 1909 e morta em 1978. A senhora da cor.

<https://www.cadaphila.com.br/revista/2012/2/semear-e-sar-e-1937-yolanda-mohalyi.jpg>

## INFORMES

### PRÓXIMA REUNIÃO do FÓRUM INTERSINDICAL

A próxima reunião será no dia 31 de março - 6ª feira - de 09 às 13:00h, no DIHS/ENSP - Prédio da Expansão da FIOCRUZ, na Av. Brasil, nº 4036, sala 905, Manguinhos - RJ (direção Zona Norte).

Essa reunião será uma ocasião especial pois nela ocorrerá a defesa do mestrado de

**ANA PAULA MENEZES BRAGANÇA DOS SANTOS.**

Participante ativa da coordenação do Fórum, Ana Paula vem estudando o seu significado, sua organização e seu funcionamento. Sua dissertação de mestrado intitula-se:

**IMPLEMENTAÇÃO DE UMA COMUNIDADE AMPLIADA DE PARES:  
O FÓRUM INTERSINDICAL DE FORMAÇÃO EM SAÚDE-TRABALHO-DIREITO  
PARA A AÇÃO EM SAÚDE DO TRABALHADOR**

A banca examinadora será composta por

**Eguimar Felício Chaveiro – Renato José Bonfatti – Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos (orientador)**

**Suplentes: Haroldo Gomes e Maria Helena Barros de Oliveira**

A defesa de mestrado de Ana Paula na própria reunião do Fórum Intersindical é uma oportunidade de homenagear todos os que dele participam, razão de sua pesquisa. Além disso, por se tratar de uma sessão pública, assim como o próprio Fórum, todos estão convidados. Compareçam!

**CONTINUAM ABERTAS as  
INSCRIÇÕES para o BOLETIM  
ESPECIAL de FOTOGRAFIAS**

sobre

**SAÚDE do TRABALHADOR.**

**Veja as instruções para o concurso  
em nosso site**

**[www.multiplicadoresdevisat.com](http://www.multiplicadoresdevisat.com)**

**Já pode ir tirando suas fotos!!**

**O IV Curso de Formação Intersindical teve  
início no dia 10 de março último. A sessão  
inaugural com o Prof. Antonio Ivo de  
Carvalho teve como tema o Sistema Único  
de Saúde – sua história e desafios.**

**Saiba mais no nosso Blog**

**[www.multiplicadoresdevisat.com](http://www.multiplicadoresdevisat.com)**

Reunião do Fórum Intersindical – 17/02/2017



Seta maior: KATIA REIS (oficina temática da reunião) / Seta menor: AIDA (perfil sindical boletim atual)

### ATENÇÃO!

**Se você tem interesse em escrever  
um texto sobre saúde do  
trabalhador para a nossa seção  
artigo do mês entre no blog e veja  
como proceder:**

**[www.multiplicadoresdevisat.com](http://www.multiplicadoresdevisat.com)**

**Para ter acesso aos outros Boletins do Fórum  
Intersindical de Formação visite o site  
[www.multiplicadoresdevisat.com/boletins](http://www.multiplicadoresdevisat.com/boletins)**

Coordenação:

Ana Paula Bragança (mestranda ENSP/FIOCRUZ)

Jacqueline Wilhelm Caldas (mestranda ENSP/FIOCRUZ)

Luciene Aguiar (doutoranda ENSP/FIOCRUZ)

Renato José Bonfatti (CESTEH/ENSP/FIOCRUZ)

Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos (DIHS/ENSP/FIOCRUZ)

Fórum Intersindical de Formação em Saúde-Trabalho-Direito  
para a Ação em Saúde do Trabalhador  
Av. Brasil, 4036 sala 905, Manguinhos - CEP: 21.040-361  
Rio de Janeiro - RJ - Telefone: (21) 3882-9222/9223  
[forumintersindical@gmail.com](mailto:forumintersindical@gmail.com)